

Reinações de marmanjos

Dona Benta, proprietária do Sítio do Picapau Amarelo, os netos Pedrinho e Narizinho, a boneca Emilia, o visconde de Sabugosa, sábio e falante; o rinoceronte Quindim, o suíno trapalhão marquês de Rabicó, Tia Nastácia são personagens criadas pelo gênio de Monteiro Lobato e que povoaram o imaginário de várias gerações, até o relativo, inevitável e lento mergulho no esquecimento.

O autor de *Reinações de Narizinho* emprestou vida, voz e sabedoria a Dona Benta para contar a milhões de crianças, seduzidas pelo gênero recriado e irresistível, histórias que ensinam as lições refugadas nas escolas de disciplina excessiva, dos castigos, das privações de recreio da pedagogia do tempo.

Tantas décadas passadas assiste-se o plágio involuntário da técnica de narrador de Lobato. Mas, pelo avesso. Ao invés de criaturas de ficção dizendo verdades, marmanjos de carne e osso, vivíssimos, representando em cenário real, quadros das velhas comédias de situação.

Fio de enredo alinhava a improvisação da fantasia. Vale tudo na adaptação do mambembe.

Entende-se, sem que se justifique. Cutucado pelo brio profissional a dar conta da pauta ambiciosa, o jornalista enfeita o vazio decepcionante com especulações que seguem o rastro do óbvio aparente e se perdem nos despites dos atores — profissionais que conhecem todos os truques da ribalta.

O recente encontro do presidente-candidato Fernando Henrique Cardoso com o candidato Paulo Maluf foi montado, ensaiado, representado e noticiado no modelo clássico da comédia ligeira. Desde o sigilo gratuito, como gancho para aguçar a curiosidade e criar o clima de mistério, ao jantar no Palácio do Alvorada às escuras; velas atenuando o negrume da mesa imensa, parecendo maior na sala vazia.

O encontro do presidente com Maluf foi montado, ensaiado e representado, como comédia ligeira

Maluf, seguindo a risca seu papel, armou operação cinematográfica para cobrir o trajeto São Paulo-Brasília sem ser reconhecido. Não se sabe se apelou para o disfarce da peruca. Como estava programado, foi seguido pela reportagem, em desabalada correria pela noite do cerrado. O segredo de

opereta vazou por todos os furos da bisbilhotice do circuito gastronômico. E foi um espanto. Cada qual fez a sua parte. Os tucanos exibiram seus melindres pela demonstração de prestígio do odiado inimigo no ringue paulista. Malandro não estira e mesmo não tinha porque: o PFL tirou sua casquinha.

Mas, faltava descobrir o que Fernando Henrique e Maluf combinaram entre uma garfada dos pitéus e o gole de vinho — nacional, naturalmente. Não havia nada no fundo do poço. Só o cascalho das versões: gotas pingando das fontes de plantão. Bracejando na piscina mais seca do que a atmosfera junina do planalto, o jeito foi embarcar na canoa. Os dois candidatos selaram o pacto da traição: o presidente ignoraria o seu partido na campanha e, fechando a barganha, Maluf adiará o sonho presidencial para apoiar a reeleição do presidente. Como adiantamento, a garantia dos votos da bancada do PPB às reformas encalacradas no Congresso.

Não se pode negar que o espetáculo teve seu sucesso. Durou pouco, não resistiu ao bom senso, saiu de cartaz. O que foi anunciado como novidade não era mais que o próximo capítulo da mesma novela. Sofisticou-se o cenário, com a ação transportada para Nova Iorque. Saiu Maluf, entrou Itamar Franco; permaneceu Fernando Henrique. Ação em cena aberta, com largo consumo de afagos, sorrisos, gargalhadas, pilhérias, troca de amabilidades.

E só. Nada como o conselho de cronista político ilustre. Ouçam Machado de Assis: "a rua do Ouvidor, se não tem notícias, cai nos boatos".

Pior o tombo quando se escorrega na notícia para se esborrachar na versão.